

Prof. J. A. Giammetti,
Nesta.

Prezado Giammetti,

hesitei muito antes de escrever esta carta, e ainda, ao escrevê-la, não tenho certeza que vou remetê-la. Quero falar-lhe de coisas abertas, e espero que seja recebida com espírito correspondente. Lamento profundamente que a minha crítica à sua tradução lhe tenha ferido. Não foi esta absolutamente a intenção que me moveu. O meu interesse fanático pelo problema de traduzir o Tractatus me fez esquecer os aspectos humanos de uma publicação de uma crítica que admito ter violen- ta. É a primeira vez, desde que publiquei, que feri alguém, (talvez como resultado de uma tensão inconsciente entre nós), com a possível excepção de um artigo que escrevi sobre a antroposofia. E ferir, mesmo sem pre- meditação, é certamente "pedaço".

Lamento ainda que o primeiro e último parágrafo da sua réplica torne impossível uma resposta pública minha. Lamento, porque a sua argumentação é muito interessante, embora, (conforme creio), engre- nada. Trataréi disto um pouco mais tarde. Mas o aspecto mais lamentável nesta polémica toda é que ela ameaça fechar a possibilidade de um diálogo honesto. Nunca conseguimos, e sr. e eu, estabelecer esse diálogo, e as poucas vezes que tentamos, fracassamos. Não creio que por culpa exclusiva da minha. Estou tentando, nesta carta, renovar, quando-meu, e estorço. Alguns lançados, os dois, no mesmo ambiente. Um ambi- ente estreito, marginal, e carente. Nela agimos, a fim de alterá-lo e a- fim de realizá-lo. Influímos nele ambos, e a medida da nossa influên- cia não é tanto a nossa competência, quanto a pobreza do ambiente. Agi- mos cada um a sua maneira, e divergimos em muita coisa. Nas metas, nos métodos, e nos motivos. Mas os campos da nossa ação convergem. E, se nos- tamos engarrafados, converte também a honestidade dos nossos hipóteses e o nosso motivo fundamental; buscar valores e fazer participar outros na bus- ca. Se tenho razão neste, não é muito fecundo, nem para nós nem para o ambiente, se nos desgastamos em polémica, em vez de enriquecermos mutuamente em diálogo aberto.

Muitas vezes duvido, não apenas de acerto das minhas posições, (isto é o menos), mas da razão de ser de meu engajamento. Sou muitas vezes tentado de abandonar tudo e optar por uma contemplação dis- tante. Atitudes como a sua quanto a mim reforçam essa tendência para a fuga. Mas tenho uma Schattungsmerale, (fruto de uma educação anacrônica), que me impede, sempre de novo, a persistir na tentativa. "Ours is not to question why, ours is just to do and die". E creio que sabe, de experiên- cia própria, de que estou falando. E, já que estou citando em inglês, sempre me atrai esta sentença de senso comum de Kipling: "If you can keep your faith when all men doubt you, but make allowance for their doubting too". A frase deve estar na última parte da sentença. Pois faço-lhe essa allowance. Concedo-lhe este direito de duvidar dos fundamentos de meu pen- sar e agir, talvez até de meu ser, já que compartilho da dúvida quanto a mim mesmo. É a dúvida, como diz Kant, não é morada. E preciso partir de- lá, E o que estou fazendo em tudo que faço. "Odi et amo, quare id factum fortasse sequitur. Nescio sed fieri sentio et excrucior".

Dito isto, continuo discorrendo da sua maneira de ver Witt- genstein, e essa discorrendo revela, nos detalhes e no aspecto geral, a diferença dos nossos pensamentos. Creio que há, nas suas argumentações, uma ati- tude anti-wittgensteiniana. O sr. não simpática com ele. E como toda tra- dução exige simpatia, (co-tribuição), com o texto, e esta é causa de ser sua tradução, a meu ver, falha. Mas eu vibro com ele, e se não o traduzi, foi por excessos de proximidade. E por isto que lhe mandei meu manuscrito.

Levantei três argumentos seus, dois colaterais, e um essen- cial, e procurei torná-los derrubá-los.

(1) Concordo consigo que Wittgenstein é anti-historicista, (que foi meu argumento principal), mas afirmo que "corre" a crítica e anti- historicismo tão bem quanto "caso". Mas pode ser dito: "Ocorre que dois mais dois são quatro" e "caso"?

O exemplo que escolhi é importante e vale para ele.

(2) Argumenta que para Wittgenstein o mundo não é um conjunto, mas uma espécie de bastidores daquilo que é o caso e não é o caso. Mas W. diz que o mundo é "bestimmt", (definido), e um horizonte vago não é definido. O conjunto é definido. E W. define o mundo de dentro e de fora. De dentro pela totalidade dos fatos. De fora pela totalidade daquilo que não é o caso. (Como o conjunto "gatos" é definido, de dentro, por tudo que é gato, e de fora por tudo que não é gato). Isto não quer dizer que os não-gatos fazem parte, como negação, da classe "gatos". Aquilo que não é o caso, (mas não é fatosacchiich der Fall ist), não faz parte do mundo. (Em passante; "Fall" e "Fatsache" não são, estritamente, sinônimos, já que "Etwas kann tatsacchiich nicht der Fall sein").

(3) (E isto é essencial). Argumenta que todo Sachverhalt é composto de Sachen. Mas W. diz: 2.013 jedes Ding ist, gleichsam, in einem Raum nœglicher Sachverhalte. Diesen Raum kann ich leer denken, nicht aber das Ding ohne den Raum. Isto é; eu posso conceber um "reinen Verhalt". O problema é a palavra "nœglicher" Sachverhalt. Um "nœglicher Sachverhalt" não é real, (Substantial, como diria W.), porque não contém coisas, portanto não contém cores etc. mas ele é um Fall. "Dais mais dois são quatro" é um exemplo de um nœglicher Sachverhalt; não é substancial, mas é o caso. Em caso de um "campo de ondas pãrdas de potencialidade" como diria em física. De maneira que no mundo não há coisa sem ser situada, (Sache ohne Sachverhalt), mas há, como "nœglichkeit", (Verhalte nach denen sich Sãchen verhalten kœnnen), relacionamentos que estruturas potencialmente situações compostas de coisas. Por isto "Sachverhalt" não é "status rerum" mas "relatio rei". É por isto também que W. é um país de estruturalismo. Para W. a coisa é a substância. Lizaão de possíveis estruturas. E, obviamente, há mais estruturas possíveis que estruturas substanciais. De forma que há estruturas sem coisas.

E verdade que, no Tractatus, W. não tira a conclusão radical disto: Estruturas langam mundos. Mas aproxima-se muito disto. E quase é articula mais tarde. O conceito de "Sprachspiel" aponta o caminho. Veja W. como uma crítica da crítica da razão pura. Para Kant as categorias são a priori, portanto não há apenas uma estrutura de pensar, e apenas um universo de um único curso. Para W. as categorias são regras de jogos, e todo jogo enguante dis- curso tem seu universo, (daí o problema da "private Sprache"). No mundo se manifestam apenas regras de jogos, e não algo a priori. É a chave de tudo isto, tanto de "primeiro" como de "segundo" W. está no Tractatus. 6.432 Wie die Welt ist, ist fuer das Hoehere vollkœnnen gleichgueltig. Gott • Fienbart sich nicht in der Welt. (Parafrasesando; O transcendente não informa o mundo.) Este é o anti-kantismo, (se quiser, o humeismo, de W. e seu "misticismo". Se estou delirando, (como afirma o sr.), W. também.

Tudo isto eu digo de maneira rude, aproximada, é movida pelo entusiasmo. Mas não duvido que uma leitura fiel dos textos, com exclusão de associações russellianas e vieneses, comprovaria tudo isto. É que o sr. vê no Tractatus muito mais o "Logicus", e eu muito mais o "philosophicus", e a nossa divergência se explica, parcialmente, por isto. Mas se o Deus de W. quiser, (a quem mencionar atualmente seria patética), poderíamos discutir tudo isto muito melhor "viva voce". Para isto lhe cnvidio desde já em minha casa, qualquer dia de sua escolha.

Cordialmente, grand-meine

Klein